



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do programa Caminho da Escola**

**Palácio do Planalto, 14 de agosto de 2007**

Eu quero cumprimentar o ministro da Educação, Fernando Haddad,  
O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Miguel Jorge,  
Quero cumprimentar minha companheira Marisa,  
Quero cumprimentar o nosso companheiro Luciano Coutinho, presidente  
do BNDES,

Quero cumprimentar os dois deputados federais que estão aqui, o  
Camilo Cola e o Joaquim Beltrão,

Quero cumprimentar o Daniel Balaban, presidente do FNDE,

Quero cumprimentar o José Martins, presidente da Associação Nacional  
de Fabricantes de Ônibus – aliás, o Martins já virou um companheiro de  
viagens para o exterior. Eu, quando terminar a Presidência, vou ser vendedor  
de ônibus por esse mundo afora,

Quero cumprimentar os prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Quero cumprimentar os empresários,

Quero cumprimentar as crianças e a imprensa. Tinha na agenda que eu  
ia lá fora primeiro, mas como a pressão do pessoal que estava esperando aqui  
há mais de uma hora foi muito grande, eu preferi vir aqui e depois ir lá fora.

O Programa Caminho da Escola, que estamos lançando hoje, é mais um  
passo significativo para vencer o desafio que assumimos desde o início do  
primeiro mandato, e que renovamos em abril deste ano com o Plano de  
Desenvolvimento da Educação: ensino de qualidade para todos, independente  
de raça, classe social ou endereço.

Durante décadas e décadas, grande parte das crianças e adolescentes



do nosso País, principalmente nas áreas rurais, sempre tiveram enormes dificuldades para ir de casa para a escola. Por melhor que seja a escola – e nossos esforços estão voltados para a construção de uma escola pública de qualidade – é inadmissível que o caminho até ela seja uma *via crucis* para alunos e alunas da zona rural, muitas vezes carregados em carrocerias de caminhão. Todo cidadão e toda cidadã tem o direito de ser transportado com dignidade, ainda mais os que vão à escola para, no futuro, fazer do Brasil um país muito melhor e maior do que ele já é.

Este é o sentido do programa Caminho da Escola: garantir às crianças e aos jovens do campo um transporte escolar seguro e confortável, dando-lhes a tranquilidade que precisam para se dedicar aos estudos, contribuindo assim para a redução da evasão escolar.

Gostaria, portanto, de destacar alguns pontos deste Programa, já tratados pelo ministro Fernando Haddad. Em primeiro lugar, este Programa representa um apoio substantivo à educação no campo, que não pode ser e não será inferior à educação urbana. Este é, cada vez mais, um País de todos, com oportunidades iguais para todos, sejam da classe pobre, média ou rica, do campo ou da cidade. Mas a construção de um país de todos requer o esforço de todos.

Por isso, quero destacar não só a atuação integrada do governo, por meio dos Ministérios da Educação, das Cidades, da Fazenda e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, do BNDES e do Inmetro, mas também o regime de colaboração entre a União, os estados e os municípios.

Gostaria, ainda, de ressaltar o modelo de compra governamental que estamos adotando neste Programa. O pregão eletrônico, centralizado pela União, garante a lisura e a transparência da licitação, além de reduzir os preços de ônibus e barcos, graças à compra de um maior número de unidades.

Meus amigos e minhas amigas,



Criar as melhores condições sociais, intelectuais e físicas possíveis para o acesso à escola é uma parte essencial do Programa de Desenvolvimento da Educação, que reflete todo o sentimento de urgência histórica que o nosso governo dedica à escola pública, à infância e à juventude do nosso País. Nós queremos que o PDE seja um compromisso de todos pela recuperação da escola pública brasileira.

Cento e dezoito anos depois da proclamação da República, o Brasil ainda deve à sua infância e à juventude a construção dessa escola verdadeiramente digna de ser chamada uma escola para todos. Uma instituição que contribua para superar as desigualdades e ofereça às novas gerações um espaço social no qual todos possam adquirir uma base comum de conhecimentos e de valores compartilhados.

A escola, minhas amigas e meus amigos, é um dos caminhos decisivos para recompor o que a injustiça dividiu e a violência só faz aprofundar. Para fazer da escola o oposto da desigualdade é preciso criar convergências de aprendizagem entre todos os setores da sociedade. A escola tem que ir superando o muro que consagra a existência de infâncias tão desiguais num mesmo País.

A escola de qualidade vai influenciar cada vez mais positivamente na subjetividade e no comportamento da juventude, em especial os mais pobres, cuja competência – contrariando o que alguns pensavam – está comprovada na avaliação dos bolsistas do ProUni. Na verdade, o que lhes faltava era oportunidade. E é para isso que deve servir a escola pública.

Meus amigos e minhas amigas,

Quero concluir lembrando que, não por acaso, o programa Caminho da Escola define uma padronização básica para todos os ônibus e barcos escolares que servirão às nossas crianças e jovens nas zonas rurais brasileiras. Um mesmo modelo, com as mesmas cores, para todo o território nacional. Isso aumenta a identidade entre o estudante e a escola e entre a



escola e o País. Para que todos saibam que aquele ônibus, que aquele barco, transporta um passageiro muito importante. E esse passageiro chama-se “futuro do Brasil”.

Minhas amigas e meus amigos,

Eu penso que esse é um momento extremamente marcante na vida do nosso País. Quem andar pelo Brasil, ainda hoje, chegar numa cidade do interior do País e ver uma criança em qualquer lugar e perguntar se ela está ou não na escola, e ela disser que não está na escola, uma das razões levantadas será a inexistência de transporte para que ela vá à escola.

Possivelmente, durante muito tempo, não houve uma preocupação em fazer com que essas crianças chegassem à escola, porque também a sociedade brasileira não estava tão preparada para fazer os protestos e as reivindicações que, ao longo do tempo, a sociedade brasileira foi aprendendo a fazer. E, sobretudo, fazer reivindicações quando o País vive um momento diferenciado e essas reivindicações já não são mais vistas pelo governo como se fossem custos, mas como investimentos.

Eu me lembro, Fernando Haddad – é importante contar essa história porque aqui tem empresários – em 2005, um deputado, aqui nesta sala, me entregou uma carta dizendo: “Presidente, por que o senhor não cria financiamento para tratores para as prefeituras pequenas do País? Muitas vezes, as prefeituras precisam arrumar uma rua, precisam ajudar o pequeno sítio a arar sua terra, e o sítio não tem direito de comprar, a prefeitura não tem dinheiro para comprar. Por que o governo não cria uma linha especial de financiamento?” Num momento em que a indústria estava numa situação delicada, naquele tempo, Luciano Coutinho, a gente ainda tinha muita dificuldade, ou seja, o Brasil não estava arrumado, tudo era muito difícil, havia sempre o medo dos sobressaltos, das crises internacionais. Então, cada coisa que fazíamos era pensada milimetricamente para que nós não déssemos um passo maior do que a gente deveria dar.



Naquela época foram disponibilizados 300 milhões de reais de financiamento, e aquilo acabou logo porque as prefeituras precisavam comprar máquinas. Nós tínhamos como garantir o desconto no repasse de verba que o governo federal passava para as prefeituras, é um programa que você deveria estudar e, se já terminou a verba, recriar porque as prefeituras do interior precisam muito desse programa. O problema é que muitas vezes nós, que moramos nas cidades, que nascemos no asfalto, não sentimos essa necessidade de alguém que nasce numa cidade que tem apenas a rua central, com um asfaltozinho bem mixuruca. O restante é terra e, quando chove, vira lama. E quando vira lama, cria transtorno para todo mundo. Muitas vezes é um pequeno produtor que colheu a sua produção de mandioca, de abóbora, de qualquer coisa para levar para a cidade e, pronto, choveu, fica lá estragando porque ele não tem como levar. Portanto, você precisa ver como é que está o programa anterior e fazer com carinho, porque eu acho que os prefeitos estão necessitando disso.

E foi essa história, Fernando, que facilitou a aprovação da idéia do ônibus escolar. Também foi uma coisa importante, no Brasil, quando a gente repassou a verba do transporte escolar para os prefeitos. Na verdade, nós cortamos a intermediação que tinha, de passar para o estado, para o estado passar para os prefeitos, e começamos a passar direto para os prefeitos. Já houve uma melhora. Agora, essa é uma melhora mais substancial, porque nós estamos criando condições para que, num espaço de tempo não muito longo, mas um espaço de tempo curto, a gente possa permitir que todas as cidades brasileiras que têm escola na zona rural possam transportar as crianças para a escola sem causar nenhum problema da criança ter que faltar à escola ou ter que repetir de ano porque não teve transporte para levá-la.

Quando nós pensamos isso, como é que vamos fazer? Eu ficava vendo aqueles ônibus da Marcopolo, e falava: nós não podemos comprar um ônibus chique daqueles, porque aquilo é ônibus para turista, não é ônibus para a gente



usar na escola. E eu me lembrava também daquelas marinetes americanas. Até hoje, nos Estados Unidos, é aquele ônibus feio, totalmente amarelo. Quando eu era pequeno, a gente conhecia por marinete. Até hoje, nos Estados Unidos, ainda transitam aqueles ônibus, nos filmes a gente vê. Eu falei: bom, nós não podemos fazer nem um tão chique, como aquele para turista, mas não podemos fazer uma marinetezinha, precisamos fazer uma coisa melhor. E aí os ministros saíram a público para conversar com os empresários.

Eu quero fazer aos meus ministros um agradecimento pela rapidez. Aos empresários, também, pelo bom-senso e pela compreensão de que não era apenas o problema de ajudar as empresas, porque se acontecer o que eu estou pensando, se cada município adquirir a quantidade de ônibus que nós estamos pensando, e se imaginarmos que a cada seis ou sete anos tem que trocar o ônibus, nós estamos criando uma nova linha de produção de ônibus para a indústria brasileira. Uma nova linha que vai se especializar em ônibus escolar. E por que não dizer que, daqui a pouco, as indústrias que comprem chassis e montam ônibus com especificidade para a escola, poderão estar exportando ônibus escolar pronto para este mundo afora.

O que nós queremos, na verdade, é fazer o reconhecimento da pressa com que o programa foi executado, foi pensado. Os ônibus já estão aqui, uma pequena mostra. Nós colocamos 600 milhões de financiamento. Eu acho que é pouco mas, também, estamos no mês de agosto, vamos ver se todos os prefeitos do Brasil começam a se enquadrar no esquema do Programa, começam a comprar ônibus porque, se a procura for muito grande no ano que vem, de forma mais generosa, o BNDES vai colocar mais dinheiro disponibilizado, os prefeitos vão ficar felizes de ver as suas crianças andando em ônibus confortável, e quem vai ganhar com isso é o Brasil.

Então, o que hoje significam 600 milhões de financiamento, o que dá para construir – eu não sei se, em média, 100 mil cada ônibus – 6 mil ônibus para este ano, 6 mil para o ano que vem. Quem sabe, se a demanda for muito



grande, a gente aumenta, e muito, a produção para atender, no menor espaço de tempo, uma necessidade crucial. Se essas crianças perderem a vontade de estudar ainda na fase em que são crianças e estão dependendo da pressão do pai ou da mãe, elas poderão ficar fora da escola por causa da irresponsabilidade de um conjunto de coisas que acontecem no País. E as únicas inocentes são elas, todo o restante é culpado.

Então, eu só queria dizer para vocês que esse é o começo de uma coisa boa que pode crescer muito no Brasil. Eu acho que todos nós, daqui a algum tempo, poderemos ficar tranquilos, sabendo que não haverá na área rural deste País uma única criança que vá à escola a pé, andando 6, 4, 5 quilômetros. Às vezes, vão 3 crianças em uma bicicleta – uma atrás, uma no cano ou no guidão, outra pedalando –, e que ninguém precise ir com um jeguinho à escola.

Eu acho que é nossa obrigação, e essa parceria entre governo federal, governo estadual, prefeitos, BNDES e empresários é tudo o que essas crianças precisam para que, no futuro, sejam mais produtivas para o Brasil do que nós fomos.

Muito obrigado e parabéns, Fernando Haddad, pelo Programa.